

El arte de la biografía¹

Marcel Schwob*

A ciência histórica nos deixa na incerteza sobre os indivíduos. Ela só nos revela os pontos pelos quais eles se ligaram às ações gerais. Ela nos diz que Napoleão sofria no dia de Waterloo, que é preciso atribuir a excessiva atividade intelectual de Newton à continência absoluta de seu temperamento, que Alexandre estava bêbado quando matou Clitos e que a fístula de Luís XIV pode ser a causa de algumas de suas resoluções. Pascal especula sobre o nariz de Cleópatra, ao supor que pudesse ter sido mais curto, ou sobre um grão de areia na uretra de Cromwell. Todos estes fatos individuais só têm valor porque modificaram os acontecimentos ou porque poderiam ter desviado a série. São causas reais ou possíveis. É preciso deixá-las aos sábios.

A arte está no oposto das idéias gerais, só descreve o individual, só deseja o único. Ela não classifica; desclassifica. Por mais que isto nos ocupe, nossas idéias gerais podem ser semelhantes às que tiveram curso no planeta Marte e três linhas que se cortam formam um triângulo em todos os pontos do universo. Mas olhai uma folha de árvore, com suas nervuras caprichosas, suas tintas variadas pela sombra e pelo sol, a ondulação que a queda de uma gota da chuva provocou, a picada que um inseto deixou, o rastro prateado do pequeno caracol, a primeira douradura mortal que marca o outono; procurai uma folha exatamente semelhante em todas as grandes florestas da terra: eu vos lanço o desafio. Não há ciência do tegumento de um folíolo, dos filamentos de uma célula, da curva de uma veia, da mania de um hábito, das malhas de um caráter. Que um certo homem tivesse o nariz torto, um olho mais alto que o outro, a articulação do braço nodosa; que tivesse o costume de comer a uma certa hora um peito de frango, que preferisse o malvasia ao Château-margaux, eis o que não tem paralelo no mundo. Assim como Sócrates, Tales poderia

* Marcel Schwob, autor francês, nasceu em Chaville em 1867 e morreu em Paris em 1905. Entre suas obras estão: *Coeur Doble* (1891); *Le Roi au masque d'or* (1892), *Le livre de Monelle* (1894), *Mimes* (1894). Em português, encontramos: *A cruzada das crianças* (Editora Iluminuras) e *Vidas Imaginárias* (Editora 34), de cuja publicação extraímos este texto. (N. do E.).

1. Este texto, encontrado sob o título acima em VÁRIOS AUTORES. *Arte de la biografía*. México: Conaculta Oceano, p.399-406, foi aqui reproduzido a partir da edição em português em SCHWOB, Marcel. *Vidas Imaginárias*. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 1997. 192p. Tradução: Duda Machado. (Reprodução autorizada).

ter dito “conhece a ti mesmo”; mas não iria esfregar a perna na prisão da mesma maneira, antes de beber a cicuta. As idéias dos grandes homens são o patrimônio comum da humanidade: cada um deles só possuiu realmente suas bizarras. O livro que descrevesse um homem em todas suas anomalias seria uma obra de arte, como uma estampa japonesa em que se vê eternamente a imagem de uma pequena lagarta percebida uma única vez a uma hora particular do dia.

As histórias permanecem mudas sobre as coisas. Na rude coleção dos materiais que fornecem os testemunhos, não há muitas rachaduras singulares e inimitáveis. Os biógrafos antigos sobretudo são avaros. Estimando apenas a vida pública ou a gramática, eles nos transmitiram sobre os grandes homens seus discursos e os títulos de seus livros. Foi o próprio Aristófanes quem nos deu a alegria de saber que ele era calvo, e se o nariz achatado de Sócrates não tivesse servido para comparações literárias, se seu hábito de caminhar com os pés descalços não tivesse feito parte de seu sistema filosófico de desprezo pelo corpo, só teríamos conservado dele suas interrogações sobre a moral. As comadrices de Suetônio não passam de polêmicas odiosas. O bom gênio de Plutarco fez dele às vezes um artista; mas ele não soube compreender a essência de sua arte, já que imaginou “paralelos” — como se dois homens adequadamente descritos em todos os seus detalhes pudessem parecer-se! Estamos reduzidos a consultar Atênaios, Aulo-Gélio, os escoliastas e Diógenes Laércio, que acreditou ter composto uma espécie de história da filosofia.

O sentimento do individual desenvolveu-se sobretudo nos tempos modernos. A obra de Boswell seria perfeita se ele não tivesse julgado necessário citar a correspondência de Johnson e suas digressões sobre livros. As *Vidas das pessoas eminentes* de Aubrey são mais satisfatórias. Aubrey possuía, sem dúvida alguma, o instinto da biografia. Como aborrece que o estilo deste excelente antiquário não estivesse à altura de sua concepção! Seu livro teria sido o divertimento eterno dos espíritos judiciosos. Aubrey jamais experimentou a necessidade de estabelecer uma relação entre os detalhes individuais e as idéias gerais. Bastava-lhe que outros tivessem distinguido com a celebridade os homens pelos quais tinha interesse. A maior parte do tempo não sabemos se se trata de um matemático, de um homem de Estado, de um poeta ou de um relojoeiro. Mas cada um deles tem seu traço único, que o diferencia para sempre entre os homens.

O pintor Hokusai esperava alcançar, quando tivesse cento e dez anos, o ideal de sua arte. Neste momento, dizia, cada ponto, cada linha traçados por seu pincel seriam vivos. Por vivos, entendi individuais. Nada mais semelhante que pontos e linhas: a geometria se funda sobre este postulado. A arte perfeita de Hokusai exigia que nada fosse mais diferente. Assim o ideal do biógrafo seria diferenciar infinitamente o aspecto de os dois filósofos que tivessem inventado mais ou menos a mesma metafísica. Eis porque Aubrey, que se liga unicamente aos homens, não atinge a perfeição, já que não soube realizar a miraculosa transformação que Hokusai

esperava da semelhança em diversidade. Mas Aubrey não chegou à idade de cento e dez anos. Ele no entanto merece bastante estima, e se dava conta do alcance de seu livro. “Eu me lembro”, diz ele, em seu prefácio a Anthony Wood, “de uma frase do general Lambert — *that the best of men are but men at the best* —, algo de que encontrareis diversos exemplos nesta rude e apressada coleção. Também estes arcanos só deverão ser trazidos à luz dentro de trinta anos. Convém com efeito que o autor e as personagens (semelhantes a nêsporas) tenham apodrecido antes.”

Poderíamos descobrir nos predecessores de Aubrey alguns rudimentos de sua arte. Assim, Diógenes Laércio nos ensina que Aristóteles carregava sobre o estômago uma bolsa de couro cheia de óleo quente e que encontraram em sua casa, depois de sua morte, uma porção de vasos de terracota. Não saberemos jamais o que Aristóteles fazia com toda essa cerâmica. E o mistério é tão agradável quanto as conjecturas às quais Boswell nos abandona sobre o uso que Johnson fazia das cascas secas de laranja que ele tinha costume de conservar em seus bolsos. Aqui Diógenes Laércio se alça quase ao sublime do inimitável Boswell. Mas estes são prazeres raros. Enquanto Aubrey os fornece a cada linha. Milton, nos diz ele, “pronunciava a letra R muito dura”. Spenser “era um homem baixo, usava cabelos curtos, uma pequena *collerette*² e punhos curtos”. Barclay “vivia na Inglaterra em alguma época *tempore R. Jacobi*. Era então um velho, de barba branca, e usava um chapéu com plumas, o que escandalizava algumas pessoas severas”. Erasmo “não gostava de peixe, embora tenha nascido numa cidade de pescadores”. Quanto a Bacon, “nenhum de seus criados ousava aparecer diante dele sem botas de couro da Espanha; pois ele sentia o odor do couro de bezerro, que lhe era desagradável”. O doutor Fuller “era tão obcecado pelo trabalho que, ao passear e meditar antes do jantar, comia uma bisnaga de pão sem perceber”. Sobre Sir William Davenant faz esta observação: “Eu estive em seu enterro; seu caixão era de carvalho. Sir John Denhan assegurou que era o mais belo caixão que jamais vira”. Ele escreve a propósito de Ben Johnson: “Ouvi Lacy, o ator, dizer que ele tinha o hábito de usar um manto semelhante a um manto de cocheiro, com abertura sob as axilas”. Eis o que o impressiona em William Prynne: “Seu método era o seguinte. Ele colocava um gorro comprido cuja borla caía sobre os olhos e lhe servia de abajur para proteger seus olhos da luz; sempre por volta das três horas, seu criado devia lhe trazer pão e uma jarra de cerveja para lhe reanimar o espírito; de maneira que ele trabalhava, bebia, e mastigava seu pão, e isto o entretinha até à noite quando jantava”. Hobbes “ficou muito calvo na velhice; no entanto, em sua casa, tinha o hábito de estudar com a cabeça descoberta, e dizia que não sentia frio mas que seu maior aborrecimento era impedir que as moscas viessem pousar em sua calva”. Ele nada nos diz sobre o *Oceana* de John Harrington mas nos conta que o autor, “no

2. Gola larga e pendente de capa, casaco ou vestido. (N. do T.)

Anno Domini de 1660, foi enviado como prisioneiro para a Torre, e depois levado para Porstey Castle. Sua estadia nessas prisões (sendo um fidalgo de alto espírito e de cabeça quente) foi a causa procatártica de seu delírio ou de sua loucura que não era furiosa — pois ele conversava de modo razoável e era uma companhia agradável; mas tinha a fantasia de que seu suor se transformava em moscas e às vezes em abelhas, *ad cetera sobrius*; e fez construir uma casinha portátil de madeira no jardim de Hart (diante de St. James' Park) para fazer uma experiência. Ele a virava para o lado do sol e se sentava diante dela; depois fazia vir suas caudas de raposa para caçar e massacrar todas as moscas e abelhas que se podia descobrir; em seguida fechava o caixilho. Ora ele só fazia esta experiência na estação quente, de modo que algumas moscas se dissimulavam nas aberturas e dobras das vestimentas. Depois de um quarto de hora talvez, o calor fazia sair de seu buraco uma mosca, ou duas, ou mais. Então ele gritava: 'Não vedes claramente que elas saem de mim?'

Eis tudo o que ele diz de Meriton. "Seu verdadeiro nome era Head. Bovey o conhecia bem. Nascido em... Era bibliotecário na Little Britain. Tinha vivido entre os boêmios. Tinha a aparência de um maroto com seus olhos zombeteiros. Podia assumir qualquer ocupação. Abriu falência duas ou três vezes. Foi por fim bibliotecário, ou já em seu fim. Ganhava a vida com seus rabiscos. Recebia vinte shillings por folha. Escreveu vários livros: *The English Rogue*, *The Art of Wheadling*, etc. Afogou-se indo a Plymouth por mar por volta de 1676, com cerca de 50 anos de idade."

Por fim é preciso citar sua biografia de Descartes:

"MEUR RENATUS DES CARTES.

'Nobilis Gallus, Perroni Dominus, summus Mathematicus et Philosophus, natus Turonum, pridie Calendas Apriles 1596. Denatus Holmiae, Calendis Februarii, 1650 (Encontro esta inscrição sob seu retrato por C.V. Dalen). Como ele passou seu tempo na juventude e por que método se tornou tão sábio, ele o conta ao mundo em seu tratado intitulado *Do método*. A Sociedade de Jesus se vangloria de que a ordem tenha tido a honra de sua educação. Viveu vários anos em Egmont (perto de Haia) de onde datou vários de seus livros. Era um homem sábio demais para se envolver com uma mulher; mas, sendo homem, tinha os desejos e apetites de um homem; mantinha portanto uma bela mulher de boa condição que ele amava, e com a qual teve alguns filhos (acho que dois ou três). Seria muito surpreendente que saídos dos flancos de um tal pai eles não tivessem recebido uma boa educação. Era tão eminentemente sábio que todos os sábios iam visitá-lo, e muitos deles lhe pediam para mostrar suas... de instrumentos (nesta época a ciência matemática estava

fortemente ligada ao conhecimento de instrumentos, e, como dizia Sir H. S., à prática dos movimentos giratórios). Então ele colocava uma pequena gaveta sobre a mesa e lhes mostrava um compasso com uma das pernas quebradas; e depois, à guisa de regra, servia-se de uma folha de papel dobrada”.

É claro que Aubrey tinha consciência perfeita de seu trabalho. Não creiam que desconhecesse o valor das idéias filosóficas de Descartes ou de Hobbes. Mas não era isto que o interessava. Ele nos diz que o próprio Descartes expusera seu método ao mundo. Ele não ignora que Harvey descobrira a circulação do sangue; mas prefere notar que este grande homem passava suas insônias passeando vestido apenas com camisa, que tinha uma letra ruim, e que os mais célebres médicos de Londres não dariam seis tostões por uma de suas prescrições. Está certo de nos ter esclarecido sobre Francis Bacon, ao nos explicar que ele tinha os olhos vivos e delicados, cor de avelã, e semelhantes aos de uma víbora. Mas não é um artista tão grande quanto Holbein. Não sabe fixar para a eternidade um indivíduo através de seus traços especiais sobre um fundo de semelhança com o ideal. Ele dá vida a um olho, ao nariz, à perna, aos trejeitos de seus modelos: mas não sabe animar a figura. O velho Hokusai sabia muito bem que era preciso chegar a tornar individual o que há de mais geral. Aubrey não tinha a mesma penetração. Se o livro de Boswell tivesse dez páginas, seria a obra de arte esperada. O bom senso do doutor Johnson se compõe dos lugares-comuns mais vulgares; expresso com a violência bizarra que Boswell soube pintar, tem uma qualidade única neste mundo. Só que esse catálogo pesado assemelha-se aos próprios dicionários do doutor; dele poderíamos extrair uma *Scientia Johnsoniana*, com um índice. Boswell não teve a coragem estética de escolher.

A arte do biógrafo consiste justamente na escolha. Ele não tem que se preocupar em ser verdadeiro; deve criar dentro de um caos de traços humanos. Leibniz diz que, para fazer o mundo, Deus escolheu o melhor entre os possíveis. O biógrafo, como uma divindade inferior, sabe escolher, entre os possíveis humanos, aquilo que é único. Não deve mais se enganar sobre a arte assim como Deus não se enganou sobre a bondade. Para todos os dois é necessário que seu instinto seja infalível. Demiurgos pacientes reuniram para o biógrafo idéias, movimentos de fisionomia, acontecimentos. A obra destes se encontra nas crônicas, memórias, correspondências e escólios. No meio dessa grosseira reunião, o biógrafo faz a triagem com a qual compõe uma forma que não se assemelha a nenhuma outra. Não é útil que ela seja semelhante à que foi criada outrora por um deus superior, desde que seja única, como toda criação.

Infelizmente, os biógrafos em geral acreditaram que eram historiadores. E nos privaram assim de retratos admiráveis. Fizeram a suposição de que só a vida dos grandes homens podia nos interessar. A arte é estranha a essas considerações. Aos

olhos do pintor o retrato de um homem desconhecido por Cranach tem tanto valor quanto o retrato de Erasmo. Não é graças ao nome de Erasmo que esse quadro é inimitável. A arte do biógrafo seria a de dar tanto valor à vida de um pobre ator quanto à vida de Shakespeare. É um baixo instinto que nos faz observar com prazer o encurtamento do esterno-mastóideo no busto de Alexandre, ou a mecha na frente no retrato de Napoleão. O sorriso de Mona Lisa, do qual nada sabemos (talvez seja um rosto de homem), é mais misterioso. Uma careta desenhada por Hokusai leva às mais profundas meditações. Se tentássemos a arte em que Boswell e Aubrey excelem, sem dúvida não seria necessário descrever minuciosamente o maior homem de sua época, ou notar a característica dos mais célebres no passado, mas contar com a mesma preocupação as existências *únicas* dos homens, quer tenham sido divinos, medíocres, ou criminosos.